

# 1

*Eu falei a língua dos anjos  
Eu segurei a mão do diabo  
Estava quente naquela noite  
Eu estava frio feito uma pedra<sup>1</sup>*

MARCOS TEM UM SONHO RECORRENTE. Ele sonha que está gritando com o pastor da igreja que frequentava: “A culpa é sua, a culpa é sua!”. Ele tem conversado sobre esse sonho com seu analista, a quem visita duas vezes por semana; um tratamento bancado por seus pais, que não são cristãos. As finanças de Marcos andam mal, e ele não tem como pagar a terapia. Casado, pai de dois filhos pequenos, toca com dificuldade uma pequena empresa de serviços, enquanto tenta retornar ao mercado de comunicação corporativa, onde atuava.

Entre os transtornos que o têm levado ao analista, esse jovem senhor de 39 anos, formado pela Universidade de São Paulo, fala de como se sentiu “violentado” emocionalmente no convívio com lideranças de sua antiga igreja. O analista, segundo Marcos, concorda com o termo, tamanha a violência das experiências vividas e as fissuras provocadas em sua identidade.

Voltar ao mercado de trabalho depois de oito anos de dedicação exclusiva ao “reino de Deus” não está sendo nada fácil.

<sup>1</sup> BONO, *I still haven't found what I am looking for.*

Aparentemente, ele ainda não conseguiu superar o trauma experimentado em seu último emprego. Teve de deixar a escola cristã onde trabalhava devido a seus constantes problemas de saúde. Seu estado era tal que os médicos não descobriam a razão das febres frequentes e do aspecto arroxeadado e marmorizado da pele, como o de uma lagartixa. Um infectologista chegou a propor que seu caso fosse estudado por especialistas, dada a raridade do diagnóstico.

Antes de dedicar-se à escola, Marcos construíra uma carreira bem-sucedida de assessor de comunicação de uma grande empresa na cidade de São Paulo. Ali, ganhava o suficiente para sustentar sua casa. Ao ser convidado por seu pastor para trabalhar numa escola que a igreja fundara, ele acreditou ser “a vontade de Deus para sua vida”. Encarou como um sinal, um chamado.

Num retiro da igreja, alguns meses antes do convite, Marcos ouvira Deus falar-lhe que um dia ele trabalharia naquela escola.

---

Marcos questiona se foi de fato a voz de Deus que ele ouviu naquela ocasião.

---

“Ele fez uma cara de espanto e me disse: Raquel, Deus me falou que vou trabalhar na escola”, relembra sua mulher, imitando a careta do marido na ocasião. Ele resistiu ao

chamado. “Eu disse para Deus: Deus, se o Senhor quiser que eu trabalhe na escola, vai ter de me fazer gostar dessa ideia. Vai ter de me convencer”.

E foi o que aconteceu. Hoje, quando recorda o episódio, Marcos questiona se foi de fato a voz de Deus que ele ouviu naquela ocasião. No turbilhão de suas muitas dúvidas, já não sabe dizer se Deus é um criador que conversa com suas criaturas. Ele se admira, como diz Richard Foster, de “que uma pessoa finita se comunique com o infinito”. Ele acha, como escreve o autor, “que a oração pode ser mera manipulação psicológica”.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> *Oração: refúgio da alma*, São Paulo: Vida, 2008.

Marcos tinha escutado a voz de Deus em outra ocasião. Como um Moisés contemporâneo, a princípio também resistira. Acontecera alguns anos antes, quando frequentava um grupo pequeno de estudo em que Raquel ensinava as Escrituras. Na época, mantinha com ela um relacionamento cordial. Olhava-a com olhar fraternal, não com um olhar masculino. Afinal, ela era sua “líder”.

Naquela época, Marcos já pedia a Deus que lhe mandasse uma esposa. Ele se sentia mais centrado e autoconfiante, depois de obter algumas vitórias com o apoio dos pastores. Uma delas fora justamente na área emocional. Antes de chegar a essa comunidade e de conhecer seu hoje ex-pastor, Marcos costumava ser uma pessoa depressiva. Uma das boas coisas que diz ter aprendido com o pastor — e elas foram muitas — foi acreditar somente nas verdades bíblicas e não tanto em suas emoções. Ele aprendeu a fazer orações assertivas, repetindo em alta voz — para que os ouvidos registrassem a mensagem e o cérebro pudesse captá-la — as afirmações da Palavra de Deus a respeito de sua própria identidade como filho de Deus, amado e redimido. Era essa a verdadeira faceta de sua humanidade que precisava ser fortalecida e reafirmada.

Sobre esse novo aprendizado, Marcos passou a se autoafirmar. Ele acredita ter superado profun-

---

Sobre esse novo aprendizado, Marcos passou a se autoafirmar.

Ele acredita ter superado profundos conflitos interiores por meio de orações, clamores e jejuns.

---

dos conflitos interiores por meio de orações, clamores e jejuns. Cansou de ouvir que as emoções humanas não são dignas de confiança, pois, segundo a Bíblia, “enganoso é o coração e desesperadamente corrupto”.<sup>3</sup> Somente a Palavra poderia ser tida por verdadeira, pois traduzia os pensamentos divinos a respeito da natureza humana.

<sup>3</sup> Jeremias 17:9.

Por meio de muitas pregações sobre cura interior e de sessões de libertação de demônios que, segundo a igreja, oprimiam-lhe a mente, Marcos foi mudando. Ele passou a descobrir uma firmeza até então desconhecida e uma alegria que nunca experimentara. Começou a fazer amigos. Sentia-se querido e aceito pelo grupo. Os conflitos mais íntimos, aos poucos, foram dando lugar a uma inédita paz de espírito. O conhecimento da Palavra de Deus e o carinho dos irmãos que oravam por ele trouxeram-lhe novo ânimo. Sua alma, antes agitada, aos poucos foi se aquietando. A tristeza desapareceu de seu rosto. Agora ele tinha um mentor espiritual e pessoas com quem contar.

Nessa fase, Marcos não saía da igreja. Começou a desenvolver o departamento de comunicação. Quando não estava trabalhando, podia ser encontrado no templo, em reuniões de oração ou fazendo trabalhos voluntários.

Uma noite, num desses compromissos, durante um culto, Marcos ouviu Deus soprar-lhe nos ouvidos: “Repare nela”, referindo-se a Raquel. “Repare nela” era um convite do Espírito Santo, segundo ele, para que prestasse mais atenção em sua líder. Ele nunca tinha sentido nenhuma atração especial por Raquel. Ele gostava de loiras de olhos claros, Raquel era morena de olhos cor da noite. “Ela tinha um jeito clássico, usava lençinho no pescoço. Eu era mais informal.” Raquel, decididamente, não fazia o seu tipo. Mas “repare nela” foi para Marcos outro chamado. Como um “sai da tua terra” para Abrão. Uma palavra profética. Três anos depois de ouvir Deus sussurrar-lhe nos ouvidos, Marcos e Raquel casaram-se, com a bênção do pastor.

\* \* \*

Embora tenha resistido, a princípio, a largar o emprego sólido, onde ganhava três vezes mais, Marcos sentia que trabalhar para o

mundo corporativo era “trabalhar para o vento” e que, na escola, sim, estaria se dedicando a uma causa, “a alguma coisa que fazia sentido para mim”. Sendo um colégio cristão, o projeto, que então estava apenas começando, foi encarado como uma espécie de ministério espiritual. “Eu sabia que estava jogando minha carreira no lixo para ser professor e ganhar um terço do que ganhava. Mas pensava na importância do trabalho, nas crianças se convertendo. Eu me entreguei por inteiro.”

Tomado pela ingenuidade e pelo idealismo, Marcos admite que não estava preparado para encarar o que viria. Imaginava que trabalhar com colegas cristãos seria como estar na antessala do céu, cercado de anjos. Quase todos os funcionários eram membros da mesma igreja, professando as mesmas convicções de fé. Havia orações regulares pelo projeto da escola, pelos alunos, pelos professores. Havia um linguajar comum, os mesmos alvos e jargões. O trabalho era encarado como missão: levar as crianças e, indiretamente, suas famílias, até a cruz de Jesus Cristo.

A decepção foi uma experiência gradual. O pastor, ele percebeu, tinha os pés de barro. A conduta dos irmãos, em geral, e de seu mentor, em particular, não era lá tão cristã. O lugar estava repleto de intrigas, competição e favorecimentos. Alunos ricos eram tratados de forma diferenciada. Seus pais eram bajulados. O lado sombrio da humanidade do pastor apareceu com toda a força. Descobrir que ele era apenas um ser humano foi, para Marcos, uma revelação de proporções apocalípticas.

---

A decepção foi uma experiência gradual. O pastor, ele percebeu, tinha os pés de barro.

---

Enquanto isso, a igreja crescia e prosperava. A escola, que contava com o auxílio voluntário de mulheres abastadas, atraía outras famílias também para os bancos da congregação. Um seminário começou a funcionar ali. Em seguida, uma universidade.

A casa de Deus estava sempre cheia. Os novos projetos eram aplaudidos e saudados como um sinal da aprovação divina ao trabalho de todos.

Uma nova liderança jovem surgiu, assertiva, conclamando os crentes a avançar, a não se acomodar, a serem valentes para conquistar o que Deus lhes apresentava como desafios. Os jovens agora eram vistos como pessoas fortes, enquanto os irmãos mais velhos viraram sinônimo de fracotes, de espiritualmente acomodados. “Isso causou divisão dentro da igreja, muitos foram embora”, ele se recorda.

Na escola, os favorecimentos e maus-tratos aumentavam e tornaram-se frequentes. Como quem trabalha para uma empresa onde o chefe é temperamental e desrespeitoso, Marcos conta que era depreciado pelo chefe diante de terceiros e desautorizado perante os alunos. Para ele, o problema não estava em ser maltratado, mas em sofrer humilhações “em nome de Deus”. Se questionasse uma ordem que lhe parecia inapropriada, era tachado de rebelde, alguém “fora da visão do reino”.

“Bruxo” também era um substantivo muito usado, principalmente para quem ousasse discordar da visão “profética” do pastor ou da liderança. A passagem de 1Samuel 15:23 era citada para justificar esse rótulo: a rebelião é como o pecado de feitiçaria. Toda pessoa que tentasse expor uma opinião contrária à da liderança corria o risco de ser tachada de bruxa ou endemoninhada. Os colegas de trabalho pareciam não se opor a essa sistemática de abuso, ou talvez temessem expor as opiniões.

Marcos foi muitas vezes chamado de banana, título reservado ao cristão que já não mostrava a mesma garra para conquistar ou lutar pelas coisas do reino ou tinha dúvidas. O recém-convertido

era a ovelha ideal, obediente, dizia o pastor. Os mais velhos contestavam tudo. Não se submetiam. Essa também era uma visão fundamentada na Bíblia, tirada de uma passagem em que o apóstolo Paulo escreve a seu amigo Timóteo. Nessa ocasião, Marcos contava 30 e poucos anos.

Havia uma espécie de cumplicidade entre os funcionários, que suportavam as broncas, calados, por considerar que a voz do pastor era a voz de um profeta a quem não cabia questionamento. Quando ele proferia uma ordem, não era entendida como vinda do diretor da escola, mas de um porta-voz do trono do Todo-Poderoso de Israel. “Deus mudava de ideia a toda hora, porque de um dia para o outro tínhamos de jogar fora um trabalho que levava uma madrugada inteira e começar outro totalmente novo”, recorda Raquel, que em certo momento também passara a trabalhar na escola.

Discriminação constituía prática comum. O conselho da escola era formado por homens de negócios bem-sucedidos, membros da igreja, e que ajudaram, com gordas doações, a erguer a instituição. “Comecei a perceber que havia uma diferença brutal de tratamento entre os mortais, como nós, e os grandes investidores da escola, que também eram conselheiros da instituição”. Para ele, a forma de tratamento diferenciado evidenciava o pecado que a Bíblia denomina acepção de pessoas. “Pessoas como eu, que doaram a vida para a escola, não eram consideradas investidores”.

\* \* \*

Ao lembrar como eram os relacionamentos ao chegar à igreja, quando tudo era pequeno e os projetos não tão ambiciosos, os olhos de Marcos se enchem de lágrimas. É como quem se lembra de um amor juvenil, fresco, puro e belo, que envelhece e se desfigura numa infinidade de cacoetes. Vira Medusa. Quando ele

chora discretamente, um choro sentido que brota de uma alma ferida, assemelha-se a um homem traído, que já viveu o prazer de ser muito amado e, de uma hora para outra, passou a ser desprezado pelo objeto de seu amor. “Sempre fui um cara muito depressivo. Quando me converti, Jesus me deu uma força que eu não possuía. As orações na igreja, os novos amigos, as mensagens sobre cura interior deram-me uma força que eu simplesmente não tinha. Os ensinamentos do pastor faziam a gente acreditar que podia sair da depressão e da tristeza e ter uma vida firme e alegre, em Jesus.”

Naquele tempo, os amigos da igreja frequentavam as casas uns dos outros. Era comum irem à casa dos pastores e comer com eles. Reuniões de oração de três horas passavam voando. O convívio era fraternal e íntimo. As pessoas contavam seus problemas mais difíceis e oravam umas pelas outras. Havia muitas libertações de alma. As pessoas eram amigas, e os pastores transmitiam confiança. “Eles viviam o que pregavam.”

Com o crescimento acelerado da comunidade, o contato com os líderes foi rareando. A voz de comando mais agressiva da nova liderança jovem também trouxe confusão, na opinião de Marcos. “Foi o começo das dores.” Aquele tipo de pregação incisiva e combativa dividiu a igreja.

Quando Marcos entendeu que era hora de sair da escola, sentiu muito medo. Sair dali era abandonar uma arca divina, e o castigo viria para todos os que deixassem a cobertura espiritual do projeto. “Diziam que coisas ruins aconteceriam para quem saísse de um projeto de Deus. Como exemplo do que poderia acontecer, o pastor dizia que um colega tinha perdido o apartamento e começado a enfrentar problemas de saúde.” Segundo o que se



dizia, sair da escola atrairia o castigo divino. “A gente cansou de ouvir isso. Quem saísse da escola levava maldição.”

Numa empresa não cristã, ele poderia aceitar o tratamento recebido, mas nunca em uma instituição cristã. “Na empresa onde tinha trabalhado antes, tive muitos chefes carrascos, mas nenhum deles me fez tanto mal como a pessoa que se intitulava meu pastor.”

Passou-se um período antes de encontrar pessoas que o fizessem enxergar que a escola era “um” dos projetos de Deus para sua vida, e não o único. Ele nunca ouvira falar que a vontade de Deus é como um rio, que corre solto em direção ao oceano de seu amor, produzindo vida por onde passa. Ele achava que essa vontade era um alvo fixo a ser atingido. Um ponto central num círculo distante que ele deveria acertar, sob pena de ser punido. Ele morria de medo de errar o alvo e se dar mal. Seu Deus era uma divindade pagã, rápida para julgar e condenar.

---

Seu Deus era uma divindade pagã, rápida para julgar e condenar.

---

Os pastores, nessa fase, prosperavam junto com a igreja. A afluência de famílias abastadas engordava os dízimos, e o padrão de vida melhorava a olhos vistos. Marcos ressentia-se de ver um padrão de vida alto na liderança enquanto seu salário na escola lhe permitia uma disciplina bastante apertada. “O pastor ensinava que quem desejasse trabalhar para o reino não poderia almejar riqueza; mas ele ostentava uma vida de mordomias. E isso me incomodava.”

“Não podíamos ter empregada porque ou dávamos o dízimo ou tínhamos ajudante. Minha mulher, que trabalhava o dia todo e ainda cuidava de nosso filho pequeno, tinha de lavar roupa de madrugada. Enquanto isso, eles viajavam pelo mundo como quem troca de roupa.”

Marcos só teve coragem de deixar a escola depois daquela nova compreensão sobre a “vontade de Deus”, que lhe fora

ensinada por cristãos menos fundamentalistas mediante uma leitura mais flexível das Escrituras.

Algum tempo depois, decidi sair da comunidade. Seu ressentimento, contudo, ainda é uma ferida aberta. Ele sente que perdeu um tempo precioso de sua vida dedicando-se a pessoas que mostraram uma face mais cruel do que ele jamais poderia imaginar. Marcos sente-se traído.

“Comecei a achar que Deus tinha pisado na bola comigo. Eu obedeci a tudo o que ele me dissera, e acabei me dando mal. Prejudiquei minha casa indo para aquela escola. Desde então, não consigo me reerguer.”

Um dos exercícios que a terapia o tem ajudado a fazer é tentar separar Deus das pessoas. Mesmo assim, sente que sua fé acabou. “Faz dez meses que não abro a Bíblia e, quando vejo pastores pregando na televisão, sinto vontade de vomitar.”

\* \* \*

O sentimento de vergonha e de indignação definia a vida de Marcos quando conversamos. Pude perceber as enormes expectativas e frustrações que ele tinha experimentado no convívio com aqueles líderes. Seu exemplo está repleto de situações de abuso de poder e as consequências para ele e toda a família.

As análises que se seguem ajudam a desconstruir personagens e derrubar mitos, revelando a carência abissal do coração humano e a maneira pouco elegante com que alguns pastores evangélicos estão se encarregando de suplantá-la.